

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

NAIANE CORTEZINI DA SILVA

**A PALAVRA *BRAÇO* NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS
OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS**

GUARULHOS

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

NAIANE CORTEZINI DA SILVA

**A PALAVRA *BRAÇO* NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS
OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do grau em
licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Romero

GUARULHOS

2022

Silva, Naiane Cortezini.

A palavra braço na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas / Naiane Cortezini Silva – Guarulhos, 2022.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2022.

Orientadora: Márcia Romero.

Título em inglês: The word 'braço' from the perspective of Enunciative Operations Theory.

1. Teoria das Operações Enunciativas
2. Identidade e variação semânticas
3. Polissemia
4. Léxico

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

NAIANE CORTEZINI DA SILVA

**A PALAVRA *BRAÇO* NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS
OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS**

Guarulhos, 18 de janeiro de 2023.

Profa. Dra. Márcia Romero
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Thatiana Ribeiro Vilela
SESI, São Paulo

Profa. Dra. Vanessa Santana Lima Trauzzola
EMEF Theo Dutra

AGRADECIMENTOS

À professora Márcia Romero, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa e ser a minha orientadora, pelas correções, ensinamentos, conselhos, ajuda e extrema paciência que guiou o meu aprendizado e por ter desempenhado tal função com muita dedicação.

Aos meus amigos Bruna Argolo, Bruna Soares Braz, Iris Carvalho, Joyce Ericka dos Santos, Lívia Prado de Oliveira, Melissa Moreno de Andrade, Patrícia Conceição, Pedro Amorim pelo companheirismo, incentivo aos estudos, por me fazerem rir nos momentos mais difíceis e me acompanharem durante toda a minha trajetória acadêmica.

À minha tia Edileuza Poloto e ao Arthur Carlos Rocha, por me mostrarem que era possível entrar em uma universidade pública, mesmo sendo aluna de escola pública.

À minha mãe Onilda Cortezini de Souza Silva, por sempre me apoiar e me ouvir sem julgar. Essa monografia é a prova de que os esforços deles pela minha educação não foram em vão.

Ao Kaio Félix de Oliveira, pela cumplicidade e apoio nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao Christopher Bonifácio Yamada, por ser meu amigo e por elevar a minha auto-estima.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo descrever a identidade semântica da palavra BRAÇO. Fundamentados no referencial teórico da Teoria das Operações Enunciativas, buscamos fornecer uma primeira apreensão da referida identidade por meio de análises que evidenciam a atividade autoreguladora de pôr em relação e interação. Essa identidade invariante e abstrata encontra-se na base da construção do sentido que se forma pelo material verbal quando a palavra se integra ao enunciado. A metodologia analítica, ao fazer uso de procedimentos de glosa, reformulações controladas que visam a formalizar o papel desempenhado pela palavra na elaboração enunciativa, examina a maneira como a unidade em análise convoca e determina as outras unidades linguísticas que compõem o enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria das Operações Enunciativas. Identidade e variação semânticas. Polissemia. Léxico.

ABSTRACT

This research aims to describe the semantic identity of the word BRAÇO. Based on the theoretical framework of the Enunciative Operations Theory, we seek to provide a first apprehension of this identity through analyses that highlight the self-regulatory activity of putting in relation and interaction. This invariant and abstract identity is at the base of the construction of meaning that is formed by the verbal material when the word is integrated to the enunciation. The analytic methodology, by making use of glossing procedures, controlled reformulations that aim at formalizing the role played by the word in enunciative elaboration, examines the way the unit under analysis convokes and determines the other linguistic units that compose the utterance.

KEYWORDS

Enunciative Operations Theory. Semantic identity and variation. Polysemy. Lexicon.

Sumário	
Introdução	6
Capítulo I – Considerações preliminares sobre a <i>palavra</i>	9
1.1. A palavra: classificação gramatical e definição	9
1.2. A palavra: arbitrariedade, semantismo e polissemia	11
Capítulo II – A Teoria das Operações Enunciativas	15
2.1. Uma teoria dos observáveis	15
2.2. Abordagem construtivista: invariância como variação	19
Capítulo III – A palavra BRAÇO e seu funcionamento enunciativo	27
3.1. O substantivo na gramática normativa	27
3.2. Um olhar enunciativo sobre a palavra BRAÇO	28
Considerações finais	38
Referências bibliográficas	40

Introdução

Fundamentado em um trabalho colaborativo de criação de uma gramática enunciativa, propomo-nos a contribuir com a descrição da categoria gramatical do substantivo ao refletir, de um lado, sobre a natureza do semantismo do verbete BRAÇO, de outro, sobre como ocorre, a partir deste semantismo, os valores semânticos diversos que lhe são atribuídos quando enunciado.

O referencial teórico-metodológico adotado, a saber, a Teoria das Operações Enunciativas (TOE), referencial que se inscreve no campo da Linguística da Enunciação, nos leva a questionar o que vem a ser a natureza semântica lexical da unidade linguística, sobretudo se pensarmos na definição do substantivo como o que nomeia seres e as suas subclassificações.

Romero et al. (2020) não sustentam a existência de um semantismo que se caracteriza por um valor de base – o que nos levaria, por ex., à definição de BRAÇO como um membro superior que vai do ombro à mão –, mas uma unidade linguística cuja natureza é variável, definida por uma ordem invariante caracterizada por relações regulares, que se estabilizam nos enunciados. O semantismo diz respeito, portanto, às relações que, dada a sua propriedade regular, constante, podem ser aprendidas como estáveis. Esse semantismo é definido pelo conceito de *forma esquemática* (FE).

O interesse da *forma esquemática* é o de nos fazer compreender que o que se conhece por sentido da unidade linguística consiste, na realidade, em um resultado, aquele oriundo da interação dinâmica entre a unidade e outros elementos com os quais ela estabelece relações no enunciado. A *forma esquemática*, como o próprio nome mostra, traz um esquema que indica o modo como a unidade linguística interage com o restante do enunciado.

Isso torna possível especificar o papel de convocação que ocorre quando uma unidade linguística se enuncia, é colocada em uso: ela convoca, no enunciado, os elementos de contexto verbal¹, meio privilegiado no qual ocorre o essencial da interação. Esse movimento não esgota o processo de elaboração de sentido da

¹ Há autores que preferem utilizar *co-texto* para se referir ao contexto verbal, aos elementos do enunciado que são solicitados por uma dada unidade quando ela é colocada em uso. Guardamos, aqui, apenas o termo *contexto verbal*.

unidade do enunciado, mas constitui seu lado mais regular. Vê-se a forma geral da dinâmica que acontece a cada vez que a unidade linguística é utilizada.

Daí dizermos que a *forma esquemática* busca formalizar a *dinâmica enunciativa*, constitutiva da unidade analisada, o que está para além da multiplicidade dos fenômenos empíricos. Observar os usos, analisá-los, permite-nos fazer emergir uma atividade auto-reguladora de pôr em interação e relação.

Podemos dizer, em suma, que a *forma esquemática* é uma forma abstrata, que possibilita simular o que permanece, inacessível em si, através do material textual.

Segundo Romero et al. (2020), estudos inscritos nesse referencial teórico nunca analisam, nos enunciados, o valor primeiro ou próprio de uma unidade, posto que consideram que o que descreve a unidade linguística – a *forma esquemática* – é constituída de parâmetros variáveis. De certo modo, o instável é o primeiro, pois, no cerne da definição da unidade linguística em termos de *forma esquemática*, há tais parâmetros. Esses parâmetros são estabilizados, estabilização que ocorre graças às interações da unidade linguística com o meio textual que a cerca, com o contexto verbal que ela convoca, revelando-se, nessas interações, os princípios regulares que a constituem.

A noção de polissemia é, assim, substituída por variações reguladas no seio das interações, o que faz com que a unidade deixe de ser definida por um conteúdo preestabelecido e passe a ser vista por meio das propriedades apreendidas pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interações em que entra.

Para a realização da análise da unidade linguística BRAÇO, objeto de nosso estudo, buscaram-se nas fontes lexicográficas as variações de construções e os valores semânticos que este termo adquire em alguns dos enunciados por meio dele elaborados.

Nessas análises, servimo-nos da *glosa*, que é um procedimento de reformulação controlada de sequências nas quais a unidade linguística se faz presente. Vale dizer que esse procedimento decorre de um trabalho de abstração que, embora considere a forma empírica do enunciado, não se fundamenta na compreensão imediata, *i.e.*, no sentido adquirido por BRAÇO nesta ou naquela construção enunciativa. O mais importante, na análise, é buscar estabelecer uma desintração do papel desempenhado pela referida unidade linguística na

construção do sentido enunciado e do próprio enunciado, examinando a maneira como ela convoca e determina as outras unidades que o compõem.

Nas seções que constituem esse trabalho, dedicamo-nos, inicialmente, a refletir sobre o saber não consciente a respeito do papel enunciativo da palavra BRAÇO a fim de elucidar os problemas relacionados às classificações gramaticais que partem de um valor de base; na continuidade do estudo, voltamo-nos às questões decorrentes das definições trazidas pelas gramáticas e fontes lexicográficas no que concerne os seus empregos para, em seguida, apresentar o referencial teórico-metodológico que sustenta a pesquisa, a Teoria das Operações Enunciativas. Finalizamos o trabalho com a discussão de um conjunto selecionado de empregos nos quais a palavra se faz presente com intuito de estabelecer um primeiro apanhado de considerações sobre o seu funcionamento enunciativo.

Capítulo I – Considerações preliminares sobre a *palavra*

1.1. A palavra: classificação gramatical e definição

Como vimos na introdução, a *glosa*, prática de reformulação controlada, é elaborada quando tentamos tornar consciente um saber inconsciente relacionado ao papel enunciativo do termo analisado, *i.e.*, ao papel desempenhado pela unidade linguística nas interações que dela decorrem, pelas relações, formalizações e pelo modo como a linguagem funciona.

Ao pesquisar o significado da palavra BRAÇO, é comum depararmos com o significado primeiro que consta dos dicionários: o que a concebe como “parte do membro superior do homem, entre o ombro e a mão, e/ou cada um dos membros superiores do homem, ligados ao ombro”. Assim definido, é visto como um substantivo comum e concreto, que, segundo Camacho et al. (2014), se refere a “entidades de primeira ordem, entidades reais ou imaginárias de existência independente (pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas” (CAMACHO et al, 2014, p. 38). Ainda segundo os autores, o que o caracteriza é “o fato de terem referentes individualizados, enquanto os *substantivos abstratos* referem-se (...) a seres de existência dependente, que se abstraem de outros referentes” (CAMACHO et al, 2014, p. 38). Além disso, é um substantivo contável, que se refere a “grandezas discretas, descontínuas e suscetíveis de numeração” (CAMACHO et al, 2014, p. 40).

As classificações gramaticais, tais como são concebidas, apresentam problemas por partirem de um valor de base que é intrinsecamente atribuído à unidade linguística: é isso que faz com que BRAÇO seja compreendido como substantivo concreto e contável. No entanto, essa classificação não dá conta do que observamos no conjunto dos seus empregos.

Vale dizer ainda que, na nossa concepção, a gramática tem como objetivo contribuir para compreender, através das descrições por ela trazidas, que a significação da língua não ocorre fora do processo de se enunciar.

Em relação ao substantivo, como visto acima, investigamos um substantivo subclassificado comumente como concreto e contável, que é primitivo.

Nessa classificação, considera-se o potencial de denominação do substantivo relacionado a entidades – os substantivos fazem referência a diferentes ordens de

entidades – que são possíveis de serem codificadas na língua graças a eles, que são, justamente, os instrumentos da língua que têm por função referir a entidades de algum mundo.

Ora, Romero (2010), ao tratar do conceito de palavra, destaca, em primeiro lugar, que para que as palavras possam ser lidas ou escritas, é necessário distinguir a *imagem visual* da letra de sua *imagem acústica*, pois, sem isso, a compreensão e produção textuais não seriam possíveis. O que aqui mencionamos nos ajuda, *a posteriori*, a entender que a palavra é de natureza abstrata, no campo formal e semântico.

Assim, a letra é uma representação gráfica de um som, marcado pela abstração: o fonema. Como se sabe, o fonema corresponde a uma unidade sonora abstrata que, ao ser materializada na produção verbal, em uma interação sonora que não é qualquer, dá origem a fones. Ou seja, o fonema (unidade sonora abstrata) é aprendido por fones (unidades sonoras que o materializam) que são concebidos pelo vínculo estabelecido no interior da cadeia sonora e pelas características dos dialetos.

Se aplicarmos esse raciocínio ao campo do significado, a palavra em que pensamos em uma produção ou compreensão textuais não é isolada: ela encontra-se em enunciados. Quando nos damos conta disso, vamos de um posicionamento a outro: as palavras não apresentam mais sentidos inerentes, mas sentidos que dependem dos enunciados em que elas aparecem, do meio textual que as cerca.

Por exemplo, no enunciado *A braços com os seus maiores sofrimentos, Hermes era sempre um homem atento às suas amizades* (FERREIRA, 2004 apud Povina Cavalcanti, *Hermes Fontes*, p. 197), a palavra BRAÇO não possui o significado primeiro apresentado pelos dicionários, pois é usada para se referir a uma luta, uma disputa com os sofrimentos, o que o diferencia de um substantivo contável, pois não se refere a grandezas discretas, suscetíveis de serem contabilizadas; a palavra BRAÇOS possui um valor de substantivo abstrato por se referir, como dissemos, à luta: é como se, por meio de *braços*, manifestássemos os combates que, como seres humanos, devemos constantemente enfrentar.

Vejamos outro caso em que BRAÇO não pode ser caracterizado como substantivo concreto e contável: *É, sem dúvida, próprio do homem enganar-se na*

*escolha das companhias, mas também o é não dar facilmente o braço a torcer*². A expressão *dar o BRAÇO a torcer* nada mais é do que mudar de opinião, ante a evidência do erro; confessar-se vencido, derrotado. Neste enunciado, BRAÇO faz referência à atitude de um homem que não se mantém em guerra, por ex., em guerra de braços, a uma atitude que o leva a mudar de opinião diante de um equívoco. Vale observar que, uma luta física, o braço torcido faz com que o oponente não se mexa mais. Numa disputa argumentativa, isso significa que ela foi argumentativamente imobilizado pelo oponente.

De acordo com o que podemos observar nestes dois últimos enunciados, os sentidos adquiridos pela palavra BRAÇO não poderiam ser oriundos de um sentido primeiro, daquele que nos é dado pelos dicionários.

Se o sentido é um resultado da interação da palavra com o seu meio, devemos nos questionar como se define o que vem a ser especificamente o sentido da palavra fora do enunciado, ou o que denominamos o seu *semantismo*, que é de natureza tão abstrata quanto é a natureza do fonema.

A partir do conceito de *forma esquemática*, sumariamente apresentado na introdução e ao qual voltamos mais adiante, vemos que, do mesmo modo que o fonema se define por um conjunto de relações que caracterizam a sua essência sonora, o semantismo também se caracteriza por relações constantes. Esse *esquema invariante* próprio à palavra permite avançar hipóteses a produtividade e a criatividade no que diz respeito ao léxico, por se encontrar no fundamento de novos sentidos que surgem nos usos da língua.

1.2. A palavra: arbitrariedade, semantismo e polissemia

De acordo com Vogüé (2013), a ciência da linguagem é capaz de fomentar a compreensão das estruturas dinâmicas singulares e sociais do discurso que os seres humanos produzem.

Vale lembrar que, no fundamento da linguística, encontra-se a autonomia da língua, que se estabelece com o arbitrário do signo tal como proposto por Saussure (1973), autonomia com relação à cognição ou ao pensamento. A língua não é tradução de um pensamento pré-estabelecido.

² Disponível em: <https://www.lexico.pt/braco/> Acesso: 6/01/2023

Essa autonomia da língua em relação ao cognitivo pode apresentar exceções, mas a tese do arbitrário confere à tais exceções um estatuto marginal. Saussure, ainda conforme De Vogüé (2013), também marca a separação da língua e da fala, da língua e do discurso, alegando que ninguém é senhor da língua, mas, no que concerne à fala, deve-se considerar o locutor.

A língua preexiste ao discurso, no sentido em que, ao nos apropriarmos de uma língua que está posta, que nos é anterior, tem-se uma língua que excede o eu, o tu, o aqui e o agora.

Essas duas teses – a da arbitrariedade do signo e a da separação entre língua e fala –, teses das quais partem a reflexão linguística, devem ser lembradas no debate entre língua, cognição e discurso.

Se considerarmos os fatos empíricos que abarcam a relação língua-discurso, vemos que são fatos de ambiguidade, de polissemia, fatos que tratam da variação constitutiva das línguas naturais.

Esses fatos parecem significar que o valor dos enunciados ou das unidades dependem fundamentalmente do contexto em que esses enunciados e unidades se encontram no discurso que se inscrevem. Desse ponto de vista, teríamos tendência a pensar que é o discurso que funda a língua. Afinal, sem os contextos discursivos, não saberíamos como interpretar as palavras, cujo valor é bem variável. A polissemia faz referência a isso, ao fato de a unidade linguística apresentar vários sentidos.

Um outro argumento diz que cada valor está inscrito no que se pode descrever como construções de discursos sociais. A depender do caso, ele não pode ser compreendido a não ser em relação a uma dada estrutura social. A língua, assim, dependeria das construções sociais, das relações nelas verificadas, em suma, do discurso.

Ora, mas o fato é que não se pode falar que um antecede ao outro, que o discurso é primeiro em relação à língua, que os enunciados são independentes das palavras que os constroem.

Os enunciados retratam a estreita coesão entre os signos que os constituem e o meio verbal a partir do qual são vistos como enunciados, em uma articulação dialética entre interior e exterior.

Para compreender o que significa falar nessa relação dialética, é preciso entender que o processo de inserção dos signos nos enunciados coloca o

enunciado em uma posição de *exterioridade* em relação aos signos linguísticos: os signos se inserem nos enunciados, por assim dizer.

Por outro lado, os enunciados que permitem aos signos significarem, adquirirem um valor semântico ou sentido, são eles mesmos uma consequência do signo, que desencadeia os contextos em que se insere. De certo modo, é como se disséssemos que o signo traz em si os seus contextos de inserção: é disso que trata o conceito de *forma esquemática*. Por meio desse conceito, que está no fundamento do semantismo da palavra, vemos como o signo “determina” as relações que devem ser observadas ao se enunciar.

Romero e Trauzzola (2014), ainda sobre o tema aqui abordado, apontam que ainda se verificam estudos a respeito da compreensão do sentido das unidades lexicais que são centrados na existência de campos semânticos, o que significa que eles buscam estabelecer redes de relações semântico-lexicais entre as unidades da língua.

No que se refere à identidade semântica da palavra, ou de seu semantismo, isso resulta em caracterizações como palavras polissêmicas, sinônimas, etc., compreendendo-se que o sentido da palavra é frutos do nível intra-sistêmico de ‘acordos’, de ‘definições’ que garantem a sua validade.

Há, assim, dois posicionamentos distintos em relação às palavras: ou elas são vistas como dotadas de um ou mais sentidos que lhes são intrínsecos e antecedem a própria produção linguística, ou são vistas como possuindo uma constância de funcionamento enunciativo. O que a define, intrinsecamente, é essa constância que dá origem aos enunciados nos quais ela se verifica, sem que isso signifique a palavra apresentar conteúdos fixos.

Se existe um núcleo significativo, aspecto este fundamental porque, por mais complexas que sejam as suas variações semânticas, pode-se reduzi-la a esse núcleo que está na base dos enunciados, este núcleo é de natureza relacional.

Mais precisamente, não se trata de conceber um núcleo significativo como algo dotado de positividade, *i.e.*, de um ou mais valores de base intrínsecos. Uma concepção semelhante apresenta variados problemas, dentre os quais temos a perda do estatuto linguístico da arbitrariedade do signo (como o signo pode ser arbitrário se ele se define por um sentido que, normalmente, apoia-se no referente, por. ex., *braço* como um dos membros superiores do corpo), o papel controverso relacionado ao contexto verbal e a insuficiência na elucidação da variação, que não

esclarece o que existe por trás da rede lexical que vincula unidades de sentido aproximado, nem o que autoriza a fala em polissemia.

Considerando-se que os diferentes valores semânticos adquiridos por uma palavra, valores considerados literais ou figurados, decorrem de um núcleo significativo conceitualizado pela *forma esquemática*, a TOE compreende o sentido como produto da materialidade verbal, da relação que a palavra entretém com os enunciados em que se insere e ajuda a construir.

Por fim, em se tratando da polissemia atribuída à língua, por ser a estabilidade semântica de uma unidade lexical o resultado das interações observadas no seio dos enunciados, sustentamos que o sentido adquirido pela unidade marca *o término do processo de significação*. A polissemia, em sua concepção, se vê transformada: ela é a soma institucionalizada dos valores contextuais de uma unidade, sendo que esses valores ora são aptos a se enriquecer, ora a desaparecer.

Capítulo II – A Teoria das Operações Enunciativas

2.1. Uma teoria dos observáveis

Antoine Culioli, em entrevista a Dominique Ducard em *Entre Grammaire et Sens* (DUCARD, 2004), faz menção ao artigo “La formalisation en linguistique” (CULIOLI, 1999), no qual postula que uma teoria dos observáveis não parte de observações evidentes, posto que toda construção enunciativa é digna de ser considerada numa observação.

A questão principal é o que deve ser feito com estes observáveis, uma vez que se demanda, neste caso, um procedimento de abstração. Isto leva ao problema da representação metalinguística, pois os dados empíricos não podem ser tomados como evidentes; é preciso se perguntar como lidar com o heterogêneo. Se pensarmos na palavra BRAÇO, há heterogeneidade de construções e de valores decorrentes dessas construções.

O que torna indispensável uma teoria dos observáveis é o fato de que se trata de uma teoria da atividade de linguagem, à qual não temos acesso, mas que passa pelas línguas. Surge aqui o problema da relação entre a universalidade da linguagem e a singularidade de cada língua. Para teorizar, é preciso analisar o que é redutível e irredutível na singularidade. O objetivo é o de dar uma representação metalinguística a fenômenos da ordem da linguagem que deixam traços nos enunciados, e que possuem, de certo modo, uma forma de consistência.

Em suma, a teoria provoca uma construção de hipóteses que devem ser verificadas e verificáveis, e articuladas entre elas, ao qual se acrescenta o problema da coerência. Esse problema, como sempre insiste Culioli, é tão importante quanto a linguagem é uma atividade complexa e heterogênea que nos faz articular o domínio de atividade com a representação do mundo, da nossa experiência e dos estados subjetivos internos.

Normalmente, observa-se, com o discurso metalinguístico, a criação de um sistema homogêneo de representação, o que é cruel para o ensino-aprendizagem, porque a gramática, deste ponto de vista, consiste em reduzir e pôr etiqueta. Uma teoria sobre a atividade de linguagem precisa articular domínios heterogêneos com as lacunas, que também precisam ser teorizados.

O termo *operações* refere-se, assim, às operações mentais, às quais não temos acesso direto. O perigo está em propor lógicas que consistem em tornar um sistema e fazê-lo corresponder ao funcionamento das línguas, estabelecendo um isomorfismo que leva a pensar que existe uma relação óbvia entre os representantes metalinguísticos e o que se está a tentar representar, a atividade de linguagem que só é apreendida através dos traços que deixa nos enunciados numa dada língua. As operações referem-se a operações metalinguísticas construídas a partir de observações e não a partir de um sistema existente.

Sobre o termo *enunciação*, não se trata de um enunciado particular, numa situação particular; trata-se de uma construção teórica. De acordo com Romero (2019), é necessário ir além da materialidade linguística dos enunciados, da ‘forma material’ para compreender os princípios e explicá-los.

Para Antoine Culioli, a linguagem é uma atividade significativa da espécie humana que consiste não em “veicular um sentido, mas produzir e conhecer formas enquanto traços de operações” (CULIOLI, 1990, p. 26 apud ROMERO, 2019, p. 176). A linguagem é considerada o objeto primordial da Teoria das Operações Enunciativas e seu fundador a estuda através da diversidade das línguas, *i.e.*, pelas configurações específicas que constituem as línguas, pelo agenciamento em uma dada língua. Essa atividade de linguagem refere-se a uma atividade de produção e reconhecimento de formas que não podem ser estudadas independente dos textos, nem os textos podem ser independentes da língua.

Neste referencial, postulam-se diferentes níveis de representação necessários para a compreensão da articulação existente entre a linguagem e as línguas. No nível I, a representação é de ordem cognitiva; e a cognição aparece de modo amplo, porque se encontra integrada ao afeto. Esse nível é também conhecido como *nocional*, por se referir à elaboração de noções, representações que organizam experiências elaboradas desde a infância, construídas da nossa relação com o mundo, com os outros, com os objetos, e do nosso pertencimento a uma cultura, interdiscursiva da que fazemos parte:

Esse nível é o de nossas representações mentais, relacionadas à nossa atividade cognitiva e afetiva, quer se trate de nossa atividade sensório-motora no mundo físico ou das nossas elaborações culturais. Na verdade, não existem noções, enquanto feixe de propriedades, que não sejam de ordem físico-cultural. Em outras palavras, não existe separação radical entre as propriedades físicas, fora da cultura, e as

propriedades oriundas de uma cultura. Esta última se encontra, ela mesma, frequentemente imbricada com práticas técnicas, nas quais o gesto e a ferramenta se combinam nas condutas significantes, ritualizadas ou não [...]. (CULIOLI, 1999a, p. 161-162 *apud* ROMERO, 2019, p. 177)

As línguas (nível II) falam do saber do mundo (nível I), mas essa relação não é uma relação de coincidência, porque o cognitivo, para este referencial, não é transmitido pelos enunciados, assim como o contrário também não ocorre. O nível II, nível dos enunciados numa língua natural, apenas reformula o cognitivo, porque a língua é a reconstrução do cognitivo.

Os representantes do nível II não apresentam vínculo direto com as representações do nível I, uma vez que as formas empíricas não estabelecem uma relação de *um marcador para um valor*. Elas não constituem uma representação do nível I, que seria independente delas ou lhes preexistiriam. Em suma:

(...) os textos e os arranjos de unidades morfológicas que os constituem não são considerados como a tradução de um sentido que lhes preexistiria ou que existiria independentemente desse material. A linguagem é constitutiva de uma forma de pensamento específica que não tem as mesmas propriedades que as que correspondem a outros sistemas de representações comunicáveis (desenho, imagem) ou não [...] (FRANCKEL, 2011, p. 16)

A dificuldade reside na não adequação entre o nível I e o nível II. Mas é isso que nos propicia fenômenos instáveis e plásticos:

[...] há sempre, no sentido mais forte, construção interpretativa dos fenômenos de superfície pelos enunciados; há sempre proliferação da linguagem a partir de si mesma; temos sempre um jogo de formas e um jogo de significações. A comunicação se dá esse ajustamento mais ou menos bem-sucedido, mais ou menos desejado [...] Assim, compreende-se melhor porque um texto não tem sentido fora da atividade significativa dos enunciados, e porque a ambiguidade (e o mal-entendido) são não apenas explicáveis, mas ainda parte integrante do modelo [...] (CULIOLI, 1999, p.48 *apud* ROMERO, 2019, p. 179)

A forma faz referência às formas empíricas, “aos enunciados, ao texto (nível II), e às operações das quais se originam os agenciamentos de marcadores, chamadas de formas abstratas. A estabilidade deformável que caracteriza os fenômenos da linguagem requer um trabalho sobre formas” (ROMERO, 2019, p. 179) essas formas abstratas são construídas a partir de formas empíricas. Surgem aqui, o terceiro e último nível de representação.

Nele, formalizam-se representações que simulam a relação existente entre os níveis I e II. Elabora-se, assim, um sistema de representações metalinguístico, construído por descrições teóricas de fenômenos linguísticos, por procedimentos canônicos de abstração e formalização. Esses procedimentos, ao colocarem em prática a multiplicação do empírico de modo controlado, conduzem para uma crescente abstração, para uma construção teórica que será continuamente confrontada a novos dados empíricos.

O que se articula entre esses níveis são os marcadores de uma língua e os traços de operações cognitivas que ocorrem simultaneamente no processo de produção e reconhecimento dos enunciados. Como dissemos, não existe uma equivalência entre os marcadores próprios ao nível dos enunciados (nível II) e as representações mentais (nível I) às quais esses enunciados dão corpo e acesso.

A enunciação, nessa perspectiva, é uma atividade que permite a produção de um texto, oral ou escrito, cujos arranjos ou agenciamentos de marcadores a tornam significante. Esta atividade não deve ser reduzida a um esquema emissor-receptor. Assume-se, assim, uma diferença entre o primeiro e segundo sujeito, pois cada sujeito como quem profere um enunciado se constrói com base na sua história, relação com os outros, na imagem que possui de si mesmo, etc., o que torna o sistema muito complexo.

Culioli percebeu que os exemplos empíricos e análises mostram existir uma extraordinária coerência no trabalho do intelecto. Porém o autor não acredita em uma representação longe dos dados empíricos, porque é nas interações que a coerência se dá. Existe uma forma de racionalidade não consciente, deslumbrante, que podemos identificar com base em exemplos muito modestos. É importante diferenciar do que temos consciência do que só parcialmente temos consciência. A atividade epilinguística, atividade não consciente, refere-se à nossa atividade de representação e reação às representações que nunca cessam. Existe uma atividade constante de “epi”, que significa limpar caminho.

Tem-se um conjunto de fenômenos, e apenas alguns vão se tornar conscientes, outros não. Isso importa para o professor, pois, ao dizer algo e pedir para que o outro entenda o que é dito, deve saber que há uma atividade em jogo na base da interação da qual não se tem controle.

O discurso, cuja polissemia é mencionada na terminologia gramatical, é entendido mais amplamente e lido como implementação da atividade de linguagem,

a linguagem manifestada por meio de enunciados orais ou escritos. O linguista considera que qualquer sistema gramatical tem propriedades formais que o tornam relativamente autônomo, com uma linguagem com morfossintaxe, com classes sintáticas e regras de boa formação.

Por fim, há modos de se manipular a língua que mostram a dinâmica da linguagem e que podemos certamente verificar a partir de um estudo de caso, a partir da apresentação de problemas que permitam compreender que os agenciamentos, nos enunciados, seguem uma lógica.

2.2. Abordagem construtivista: invariância como variação

Em De Vogüé et al. (2011), lê-se que, na abordagem construtivista, o sentido é formado pelo material verbal, o que significa que o sentido da palavra só existe quando construído pela linguagem: só as palavras podem esclarecer o sentido que adquirem e isso ocorre quando integram enunciados.

O sentido das palavras e do texto não é exterior à língua, que contém uma ordem própria, que vem de um pensamento *a priori*, nem de um referencial externo. Sendo assim, o sentido pode ser acessado pela atividade da paráfrase e reformulação, atividade metalinguística que apreende o sentido quando o faz circular.

Em outras palavras, o sentido de '*alguma coisa*' só é apreensível por meio do sentido de '*outra coisa*'. Esse '*buraco negro*' não se inscreve em uma problemática de tema e variação, em que haveria diferentes materializações tomadas em relações de sinonímia. São sempre variações e não um conteúdo que existiria sem o suporte particular do material verbal que o atualiza; não pertence a um pensamento de '*desencarnado*' capaz de existir sem essa materialidade.

O sentido linguístico provém de uma dinâmica e de uma organização própria à linguagem. A linguagem não é o reflexo de um pensamento preexistente: ela constitui uma forma de pensamento com propriedades relacionadas à sua própria organização, o que não significa que essa forma seja homogênea ou que não haja outras formas de pensamento.

Pode-se dizer que o pensamento não é uma entidade homogênea, que existem formas de pensamento diferentes e articuladas. Em alguns casos, “um bom esquema vale mais que um longo discurso” (DE VOGÜÉ *et al.*, 2011, p.41), ou seja,

para certos referentes, uma representação figural é melhor adaptada do que uma representação discursiva.

A linguagem, ao permitir falar do nosso mundo, de todas as coisas, do que desejamos, presta-se mal à construção de certos valores referenciais precisos. A linguagem (em geral) apresenta tipos de *furos*, já que não nos permite dizer tudo.

Não tomamos consciência dessas lacunas. Podemos deixar de dizer muitas coisas e não darmos conta de que não podemos dizê-las. Isso não é um incômodo e não impede a linguagem de '*funcionar*'.

A perspectiva construtivista defende que as formas e os textos constroem ou efetuam as significações. A linguagem constrói um '*mundo*', que se articula ao(s) mundo(s) com outras formas de representação que são os representantes nas línguas naturais. A linguagem evidencia que a análise dos fenômenos linguísticos não se reduz diretamente a um raciocínio sobre o mundo ou os processos cognitivos.

A crítica reformulada por Benveniste desenvolve, por meio da noção central de '*função integrativa*' dos signos, uma abordagem do sentido proveniente de uma atitude construtivista.

Um signo é a função dos seus elementos constitutivos, constitutivo a partir da identificação no interior de uma unidade que preenche uma função integrativa. A dissociação pode nos levar à constituição formal; a integração, às unidades significantes. O sentido de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.

A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação. [...] A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significante livre suscetível de efetuar uma frase. (DE VOGÜÉ et al., 2011, p. 43)

Sustenta-se que o sentido se constrói pelas unidades que integram o todo, efetuando o enunciado. O sentido das formas decorre de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados.

Nos trabalhos deste referencial, apreende-se o sentido construído a partir das unidades da língua, de suas organizações e arranjos nos enunciados, bem como de sua entonação. A problemática de Culioli rompe com a transparência original da língua em relação às ideias que permite exprimir. Um aspecto importante dessa teoria transparece no aforismo para o qual *a compreensão é um caso particular do*

mal-entendido. A estabilidade necessária para um processo de compreensão-interpretação é uma estabilidade conquistada e provisória, da qual a teoria deve dar conta.

A teoria da enunciação toma como objeto o próprio enunciado. O enunciado deve ser entendido como um arranjo ou agenciamento de forma, em relação aos quais os mecanismos enunciativos que o fundam como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é traço.

A justificativa pelo termo *operações* deve-se a hipóteses de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. O arranjo ou agenciamento de formas que o materializa remete às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é estudar as modalidades de constituição desse valor.

Um enunciado só é suscetível de interpretação em relação a um contexto ou a uma situação. A perspectiva construtivista na qual nos inserimos defende que o sentido é determinado pelo material verbal que o constrói, o que significa que o contexto ou situação não podem ser entendidos na acepção que lhes conferem as teorias pragmáticas.

Nessas teorias, analisa-se um enunciado em função de seu proferimento em um dado meio extralinguístico, levando-se em conta parâmetros *psicossocioantropoculturais*. Cada ato de proferir pode estar associado a uma profusão de interpretações escalonadas em vários planos. Ao referir-se aos parâmetros da situação de locução, pode-se considerar que essa situação constitui um referente circunstancial do ato ilocutório.

Para a abordagem construtivista, o sentido provém exclusivamente do material verbal, não sendo possível mobilizar sem contradição um referente externo para apreender o sentido. O contexto ou a situação não são exteriores ao enunciado, mas engendrados pelo próprio enunciado. Não se busca o sentido do enunciado em um referente extralinguístico: ele corresponde à construção de valores referenciais.

Produzidos pelos enunciados da língua, os valores referenciais têm a sua existência apenas por meio deles. Por meio dessa noção, surge uma correlação entre *significado* e *contextualização* ou *situação*.

Um enunciado é uma sequência (de palavras) interpretáveis pela estabilização de um ou outro de seus contextos possíveis, engendáveis pela própria sequência. Ao ser objeto de dada interpretação, a sequência constitui-se como um enunciado, o que implica que um ou outro de seus contextos potenciais se torne efetivo.

O contexto esclarece a significação do enunciado, e o enunciado produz as condições que permitem interpretá-lo. As formas engendram as condições de possibilidade de sua interpretação. A análise da significação de um enunciado é indissociável da análise das condições destas significações. Esses valores referenciais podem ser compreendidos como correspondente ao cenário que revela a significação e a situação ou contexto. A própria forma da sequência pode desencadear potencialidades contextuais que se encontram estabilizadas pelo contexto efetivo.

Enunciados diferentes tendem a produzir valores referenciais diferentes. Os valores referenciais são instáveis, e decorrem de jogos intersubjetivos de ajustamento e regulação que resultam em pontos de equilíbrio interpretativos provisoriamente e localmente. A análise da construção dos valores referenciais decorre de uma análise do *'sentido que se torna'*: não se parte do produto acabado (da interpretação de um enunciado) para redistribuir sentidos aos diferentes componentes.

Se a enunciação de um enunciado depende de seu contexto, existe uma organização e ordem nos encadeamentos que fazem o contexto depender do enunciado. O princípio mostrado em relação às sequências aplica-se às próprias unidades morfolexicais. O sentido de uma sequência só aparece por meio do enunciado contextualizado que ela permite construir, o sentido de uma unidade não existe por si só, apenas por meio de sua função integrativa.

Tem-se, assim, uma teoria cujas formas só podem ser estudadas uma a uma, em sua singularidade, no modo como se organizam e se constituem os valores observados. A natureza dessas regularidades só se delinea pela exploração dos dados. As categorias gramaticais como o tempo, o aspecto, o número, etc. não se realizam de modo imediato nas línguas.

Por sua vez, a variação resulta de interações. Isso significa, como dissemos, que o valor de uma palavra depende do meio textual no qual se insere, assim como o valor do meio textual depende da palavra.

Verificam-se, por fim, dois tipos de abordagens do fenômeno da variação das unidades: o que prega um conteúdo semântico estável e primeiro e o que prega que não existem conteúdos que não sejam o resultado da interação da palavra com o meio textual que a cerca.

A existência, para cada unidade, de um núcleo semântico estável, corresponde, em muitos casos, ao sentido primeiro (sentido próprio) da unidade, dos quais todos os outros valores derivariam 'por extensão' (metáfora). Essa abordagem, explorada na literatura, descreve a unidade linguística como polissêmica: uma pluralidade de valores que se encontram ativados, filtrados, especificados em função do uso da palavra.

Na segunda abordagem, a construtivista, pressupõe-se que a palavra não tem por si só nenhum valor semântico estável por dedução. Não se observa, nos enunciados, o valor próprio (ou primeiro) de uma unidade: só existem unidades cujo sentido se constrói no e pelo enunciado. O instável é a estabilização, que só se estabelece através das interações da palavra com o meio textual que a cerca. Essas interações revelam que a teoria é sustentada por princípios regulares.

A noção de variações reguladas nas interações substitui a de polissemia. A unidade é definida pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação que ela entra, não pelo sentido próprio da unidade. É necessário buscar as propriedades que resultam nos conteúdos.

Importa notar que a proposição pode ser incompatível com a observação de ser empiricamente possível atribuir às unidades lexicais um conteúdo semântico determinado, constitutivo do que se pode apreender como seu sentido próprio ou primeiro: sentido concreto, psíquico e corporal. Essa possibilidade pode ser um artefato cognitivo. Pelo fato de as palavras só significarem nas interações, ao serem isoladas de tudo que as cerca (do meio textual) para definir o seu sentido próprio, privilegia-se artificialmente o tipo de contexto ou da situação que se apresenta ao espírito, de modo mais imediato, dada a sua impregnação cognitiva: espaço, corpo e os objetos do mundo que nos rodeiam. Assim, o '*sentido concreto*' de uma unidade corresponde à mobilização de um tipo de situação direta e espontaneamente disponível para estabelecer interações por meio da qual aprendemos o sentido da unidade.

Em suma, o estável é o produto de processos interativos regulados de estabilização; ele não se define pelas propriedades da entidade do mundo que permite, em um enunciado particular, designar uma referência virtual.

A transparência da linguagem, concebida por uma relação de adequação ao mundo e às ideias, que situa à noção de um referente externo e 'dado', opõe-se a uma concepção de linguagem como indícios de operações de referenciação que produzem valores referenciais nos enunciados. A linguagem busca realizar operações de orientação que determinam os valores referenciais e que são, constitutivos do sentido dessas unidades.

A noção de invariância desenvolveu-se a partir de questões centrais, nas quais se observam a identidade semântica da unidade linguística através da diversidade de seus empregos.

Vale mencionar que não é a partir de princípios cognitivos universais independentes das propriedades das línguas que se forjam os instrumentos de descrição dessas línguas, mas de uma observação minuciosa da organização específica de cada uma delas e o mesmo deve ser dito para a observação dos enunciados em uma dada língua. As línguas podem ser consideradas, exemplares da linguagem (passamos de uma para outra, traduzimos) e indivíduos (cada língua é singular e específica, nenhuma unidade tem o mesmo funcionamento e comportamento de uma outra língua a outra).

A singularidade de uma língua em seus diferentes componentes é suscetível de fornecer um acesso a uma teoria generalizável. Trata-se de achar invariâncias a partir de considerações da singularidade e da diversidade. O estabelecimento de invariantes depende de procedimentos de descoberta problematizados, que emergem dos dados.

A teoria de Culioli opõe-se a uma apreensão instrumental da linguagem, que codificaria ou encarnaria um sentido ou um pensamento que lhe preexistiria ou que existiria de modo independente. A linguagem constitui uma forma de pensamento específico que só é atingível pela análise das operações de que é constitutiva.

Categorias como tempo, espaço ou número não existem independentemente de realizações nesta ou naquela língua particular. Elas correspondem a valores referenciais que se constituem no exame da cada língua na medida em que são descobertos os dados particulares que as materializam.

O que se nomeia *realizações* recobre funcionamentos extremamente heterogêneos. Assim, a Teoria das Operações Enunciativas estabelece-se, de forma privilegiada, através de trabalhos consagrados ao funcionamento particular de tal unidade dentro de tal língua. Uma consequência é a caracterização da abordagem como transcategorial, em que se nota que o funcionamento de uma determinada unidade instaura fenômenos que dependem de várias categorias heterogêneas.

O valor referencial de um enunciado é, portanto, o produto de operações que se materializam pelas unidades da língua e por suas organizações. Trata-se dos únicos dados que a análise pode estabelecer. Culioli opõe-se, assim, à concepção de sintaxe e gramática como lugar de regularidades, e de léxico como o de singularidades. O léxico constitui o fator de regulação que as construções introduzem, um fator de estabilidade. A concepção de léxico se vê, por fim, transformada: os itens lexicais devem ser concebidos como lugar de uma variação regrada.

A descrição sistematizada das unidades particulares de diversas línguas ocorre através da variação das relações dessas unidades com seu ambiente textual. Nos desenvolvimentos recentes da teoria, constatou-se que as invariâncias às quais uma dada unidade remete não são fixas, mas tratadas de maneira específica por fatores do meio textual que cerca a unidade. Trata-se de uma interação dinâmica.

Na medida em que a unidade linguística atua sobre o entorno, interpreta-o, e o seu contexto verbal atua sobre ela, conferindo-lhe um valor, nota-se que, na interação, há determinações mútuas. Um novo modelo de representação da identidade lexical surge dessas determinações que ocorrem mutuamente nas interações: a forma esquemática.

A forma esquemática de um item lexical é um polo de regulação de suas interações com os elementos de seu contexto verbal que são necessários para o seu funcionamento. É um esquema que organiza o contexto verbal que a cerca e o interpreta. Trata-se não mais de apenas abstrair uma invariância a partir da variação, mas de evidenciar os princípios reguladores dessa variação.

A forma esquemática coloca em jogo três importantes planos de variação:

- uma variação interna à própria unidade, que advém das deformações que resultam das interações com os diferentes contextos possíveis que se encontram estruturados pela forma esquemática própria a essa unidade;

- uma variação que advém de itens lexicais do contexto verbal, que ativam parâmetros da forma esquemática;
- uma variação das construções sintáticas, compatíveis com a unidade que são constitutivas de sua identidade (tal item entra em tal conjunto determinado de construções). A construção sintática pode ser descrita em termos de repertório. As construções dos itens são excessivamente singulares ao item para poder estabelecer subcategorias; porém, o repertório de um item lexical é o conjunto das construções que compartilham com outros itens: por ex., construção infinitiva com a inversão ou não do sujeito.

Em suma, Culioli defende que a epistemologia do *estático* e *linear* deve ser substituída por uma epistemologia do *interativo*, em uma dialética complexa entre o estável e o maleável sustentados pela plasticidade regulada da linguagem.

Capítulo III – A palavra BRAÇO e seu funcionamento enunciativo

3.1. O substantivo na gramática normativa

Para a análise do termo BRAÇO, convém entender o que é um *substantivo* de acordo com a gramática normativa. Com esse propósito, selecionamos a gramática de Cunha e Cintra (1985) para compreender como se define o *substantivo*.

De acordo com as referências mencionadas, o *substantivo* é uma palavra que usamos para designar ou nomear os seres em geral, sendo *substantivos* os nomes de pessoas, de instituições, de um gênero, de lugares, de espécies ou de um de seus representantes; além disso, têm-se também os nomes de noções, estados, ações e qualidades tomados como seres.

Do ponto de vista funcional, o *substantivo* é a palavra que serve *privativamente* de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes, substantivos, numerais ou qualquer palavra substantivada) (CUNHA, CINTRA, 1985, p. 171).

As palavras substantivadas são palavras de outras classes gramaticais que podem passar a funcionar como substantivos.

Os substantivos dividem-se em *abstratos* e *concretos*, já definidos em seções anteriores. Existem também os *substantivos próprios* e *comuns*. Os substantivos que podem designar a totalidade dos seres de uma espécie ou indivíduos de uma determinada espécie são chamados de comum. Já no caso de determinado indivíduo da espécie, temos o substantivo próprio. Os substantivos também apresentam características relacionadas ao número e ao gênero. Não tratamos de questões referentes ao grau, ainda que algumas gramáticas a mencionem.

Sobre o número, os substantivos podem estar no singular, designando um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo (*substantivos coletivos*), ou no plural, quando designam mais de um ser ou de um conjunto orgânico. Por sua vez, sobre o gênero, este é puramente convencional: pertence ao gênero masculino todos os substantivos aos quais podemos antepor o artigo 'o' e ao feminino, aqueles aos quais podemos antepor o artigo 'a'.

Com relação ao grau, como mencionamos, não se trata de flexão nominal. Em todo caso, vale dizer que o que se conhece por *grau do substantivo* costuma exprimir as variações de tamanho dos seres ou valorizações de ordem afetiva.

Por exemplo, com o grau aumentativo, BRAÇÃO pode se referir tanto a um braço grande em relação a outra referência concebida como regular (BRAÇO apontaria para o regular), quanto a um posicionamento do locutor em que se avalia um dado referente como valorizado positivamente ou pejorativamente. Já no caso de BRACINHO, tem-se o mesmo raciocínio: o termo pode se referir tanto a um braço pequeno em relação a outra referência concebida como regular (BRAÇO apontaria para o regular), quanto a um posicionamento do locutor em que se avalia afetivamente um dado referente ou atenua-se, deprecia-se a sua valorização.

Como dizem Cunha e Cintra (1985), “Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as idéias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível” (CUNHA, CINTRA, 1985, p. 192). Por sua vez, o emprego dos sufixos diminutivos pode indicar “ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano” (CUNHA, CINTRA, 1985, p. 192). Permitem, desse modo, exprimir de modo espontâneo o que se sente, o que comove e impressiona, quer seja: saudade, carinho, afetividade, desejo, prazer ou um impulso negativo, como desprezo, troça, ofensa. Com o sufixo diminutivo, encontra-se um meio estilístico que elide a severidade da linguagem e a objetividade sóbria, o que a torna mais amável e flexível, ou mais vaga.

3.2. Um olhar enunciativo sobre a palavra BRAÇO

Os enunciados apresentados nesta seção foram retirados da fonte lexicográfica (FERREIRA, 2004). Após verificar os exemplos desta fonte, foram feitas buscas na WEB a partir de sintagmas nominais contendo a palavra BRAÇO a fim de coletarmos outras contextualizações. A coleta resultou em 20 (vinte) enunciados com variação de construção e valores semânticos, considerados representativos do emprego de BRAÇO.

De acordo com DE VOGÜÉ *et al.* (2011), o dicionário explicita o sentido das palavras ao substituir, numa espécie de circularidade mais ou menos imediata, palavras por outras. Em nossa atividade de linguagem do dia-a-dia, no entanto, vemos como o sentido se desloca à medida que algo não é compreendido. Isso

surge frequentemente por meio de questões como *Em que sentido você entende isso?* ou *O que você quer dizer com isso?* etc.

Isso mostra que cada forma da língua, cada unidade que a constitui, só quer dizer o que ela diz.

Só o dito diz o que é dito, e qualquer outro acesso a esse dito, qualquer tentativa de atingir por meio desse dito um querer dizer, uma significação, resulta em um desvio irreduzível, ainda que mínimo, ainda que se estabeleça um ajustamento e uma aproximação à qual podemos, frequentemente, nos acomodarmos. O que produz esse desvio não é a alteração de um '*sentido puro*' que existiria independente dessa alteração. Essa própria alteração que é, de algum modo, constitutiva do sentido, e que lhe dá corpo. (DE VOGÜE et al., 2011, p.40-41)

Vejamos então, o que a palavra BRAÇO nos diz nas contextualizações encontradas a fim de delinear possíveis regularidades enunciativas do termo aqui estudado, levando-se em consideração a Teoria das Operações Enunciativas.

1. "(...) entreviram... pastora, sentada à borda de um regato, que devia ser um braço da ribeira das várzeas" (Camilo Castelo Branco, *Noites de Lamego*, p. 89)³

No enunciado (1), é necessário compreender que BRAÇO, neste contexto enunciativo, faz parte de um terreno baixo às margens de um rio, de uma grande extensão de terra plana ou uma planície; a palavra BRAÇO representa uma curva de água menor de um rio, ou seja, um esteiro, canal pouco profundo ou trecho do rio que adentra a terra (de fundo lodoso). Em nossa interpretação, podemos associar o '*braço da ribeira das várzeas*' a um rio cheio de braços, caso em que BRAÇO é concebido, por exemplo, como uma extensão do rio, o que conduz as suas águas a irrigarem, a alcançarem outras regiões não necessariamente abrangidas pelo rio em si.

2. "Coloca na cabeça perucas com cem mil cachos, / coloca nos pés coturnos de um braço de altura, / continuarás sempre a ser o que és."⁴

³ Cf. FERREIRA, Aurélio B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 3ª ed., p.331-332, 2004.

⁴ Cf. <https://www.dicio.com.br/braco/#:~:text=Frases%20com%20a%20palavra%20bra%C3%A7o&text=Quando%20voc%C3%AA%20levantar%20o%20bra%C3%A7o,em%20vez%20de%20machuc%C3%A1%20Dlo>. Acesso: 29/10/2022.

Neste enunciado, BRAÇO refere-se à proporção (dimensão, tamanho, volume ou extensão) do que se pode alcançar com o braço. A proporção nada mais é do que um conceito presente na matemática básica para comparar grandezas: trata-se da igualdade entre duas ou mais razões, no caso, de coturnos cuja dimensão seria dada pela dimensão de um braço. Vemos, aqui, o estabelecimento de uma medida. Por outro lado, há, ainda, no enunciado uma tentativa de igualdade entre as '*perucas com cem mil cachos*' e os '*coturnos de um braço de altura*', uma vez que é evidente a comparação entre o que se coloca na cabeça e nos pés, o que resulta na conclusão dita em bom tom: '*continuarás sempre a ser o que és*'. '*Coturnos de um braço de altura*' servem-nos como um sistema de medida para comparar os resultados obtidos.

Interessante notar, ainda, que, na antiguidade⁵, a necessidade de medir remete às primeiras civilizações, quando surgiu a criação de uma unidade de medida. Para que a medição fizesse sentido, ela tinha que estar de acordo com a medição de outros homens, o que tornou necessário adotar padrões de unidades de medidas para medir comprimentos. Para isso, o homem usava a si mesmo como referência, usando determinadas partes do corpo, como: polegada, pés, palmo, jarda (braço) e passos. Porém, como as pessoas têm tamanhos diferentes, as medidas acabavam variando de uma pessoa para outra, causando confusões nos resultados das medidas, de modo que os egípcios, para solucionar o problema, passaram a adotar um padrão único, usando barras de pedra com o mesmo comprimento.

3. "Para que o mal triunfe basta que os bons fiquem de braços cruzados."⁶

Um estrangeiro, ao contrário de um nativo da língua portuguesa brasileira, para compreender o enunciado acima precisa saber que '*de braços cruzados*' é uma expressão, normalmente usada para se referir a uma pessoa que, por razões diversas (insegurança, medo, falta de vontade, etc.) não toma a atitude que deveria. Diz respeito, portanto, ao estado psíquico, a pensamentos, emoções, etc. que paralisam uma pessoa diante de uma determinada situação. No enunciado, se a palavra *braços*, em que BRAÇO se encontra no plural, evoca as realizações, as

⁵ Cf. <https://www.medeinstrumentos.com.br/a-origem-da-metrologia/> Acesso: 09/01/2023

⁶ Cf. <https://www.pensador.com/bracos/> Acesso: 29/10/2022.

execuções de uma tarefa motivados por uma aspiração, realizações capazes de conduzir a um dado fim maior, *cruzados* aponta para a inércia, para a falta de atitude, como dissemos. O fim maior não tem, assim, como ser atingido.

4. “Não cruze os braços diante de uma dificuldade, pois o maior homem do mundo morreu de braços abertos!”⁷

No enunciado, a interpretação de ‘(não) *cruze os braços*’ é semelhante a que vimos no enunciado anterior: não fique sem fazer nada, não fique parado diante de uma situação, reaja. Já em de ‘*braços abertos*’, ao pensarmos em seu significado, logo pensamos em algum tipo de cordialidade, satisfação, uma forma de ser bem recebido e acolhido por alguém, ação que também depende do estado psíquico do sujeito. Podemos interpretar ‘*o maior homem do mundo morreu de braços abertos*’ de uma maneira mais profunda do que se poderia pensar numa primeira leitura, a saber, aquela em que se faz referência a Jesus, que morreu de braços abertos em uma cruz. Na verdade, ‘*braços abertos*’ pode ser igualmente lido como a atitude tomada por Jesus para confrontar o sistema de exploração dos pobres, em um sinal de acolhimento dos vulneráveis. Em suma, enquanto ‘*braços cruzados*’ remete à ação de não fazer nada, de ‘*braços abertos*’ remete à ação de fazer algo, sempre em relação a uma dada finalidade.

5. “E quando ela está nos meus braços; As tristezas parecem banais; O meu coração aos pedaços; Se remenda prum número a mais.”

No enunciado, BRAÇO aparece no plural para representar a lembrança de uma aproximação carnal entre duas pessoas, seja por meio de um abraço, um colo ou um carinho. ‘*Nos meus braços*’ possui relação com as atitudes da pessoa quando alguém querido está próximo dela, às atitudes decorrentes de emoções, sentimentos, prazer, etc. que alguém pode proporcionar ao outro pelo toque ou presença, ao acolhimento do outro.

6. “Saudade tem cheiro. Desconfio que também tenha braços, porque aperta.”⁸

⁷Cf. <https://www.frasesstop.com/nao-cruze-os-bracos-diante-de-uma-dificuldade/> Acesso: 29/10/2022.

⁸ Cf. <https://frases.tube/73627-saudade-tem-cheiro-desconfio-que-tambem-tenha-bracos-porqu> Acesso: 29/10/2022.

Na tentativa de descrever o que vem a ser a *saudade*, falta muitas vezes insuportável que nos faz alguém ou algo cuja lembrança ou presença pode vir a ser despertada por um simples cheiro, quando descrita por associação a '*ter braços*', com a justificativa '*porque aperta*', vê-se relacionada a um abraço apertado, firme, ou até a uma abraçadeira, ferragem que serve para abraçar ou prender uma ou mais peças de madeira ou vigas. Com isso, pretende-se dar a noção da dimensão da '*saudade*', que é imensurável. A saudade faz doer porque nos prende e aperta, tal como braços que não nos acolhem, mas nos maltratam.

7. "Dar uma de João-sem-braço"⁹

A expressão '*dar uma de João-sem-braço*' refere-se a um indivíduo que se faz de desentendido para não cumprir uma obrigação, para tirar uma vantagem, ou seja, refere-se às atitudes comumente vistas como atitudes de um preguiçoso, omissivo, etc. Na língua portuguesa brasileira, faz-se uso do nome '*João*' para se referir a um indivíduo qualquer. Associado a '*sem-braço*', tem-se, no enunciado, a interpretação de alguém que se nega a tomar as atitudes necessárias quando deveria tomá-las para cumprir uma obrigação, por exemplo.

8. "Antônio no trânsito está braço, eita cara ruim !!! É um braço mesmo!"¹⁰

Este enunciado, no qual se verifica BRAÇO em função predicativa, é um dos mais complexos. Talvez, o emprego possa ser comparado àquele em que há braçadas, comum na natação, o que consiste em movimentos feitos pelo nadador quando passa os braços ao lado do corpo para se deslocar na água. No entanto, em '*é um braço*', ao especificar que se trata de '*um braço*', pode dar a entender que o movimento – no caso, o movimento de condução do veículo – não ocorre como deveria por lhe faltar a coordenação que só os braços, e não um deles, seria capaz de propiciar. Podemos dizer que BRAÇO é usado para exprimir que uma pessoa dirige mal, é ruim no volante, o que é reforçado pela repetição de BRAÇO no enunciado.

⁹ Cf. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-da-expressao-dar-uma-de-joao-sem-braco/21310> Acesso: 29/10/2022.

¹⁰ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/bra%C3%A7o/> Acesso: 29/10/2022.

9. “Esses solteiros quando correm para o banheiro ficam só no braço, na cama não fazem nada.”¹¹

A expressão ‘*só no braço*’ é usada para se referir à masturbação masculina, ao movimento feito com o braço durante a masturbação. Uma vez mais, vemos BRAÇO referir-se à realização de um dado movimento em vistas de uma finalidade, no caso, a da obtenção do prazer.

10. “O cara é muito braço curto! não sabe ligar o computador.”¹²

Em ‘*braço curto*’, *curto* faz com que BRAÇO seja lido como o que tem um tamanho diferente do considerado padrão, fato que impede a realização de determinadas ações com facilidade. Nesse contexto, ‘*braço curto*’ descreve uma pessoa que não possui conhecimento básico sobre determinado assunto, no caso, o conhecimento mínimo (ligar o computador) que permita o seu uso, que conduza a uma dada finalidade esperada.

11. “Cuidado com o zé, o bicho é braço nervoso.”¹³

Neste enunciado, ‘*braço nervoso*’ refere-se à pessoa que tem sentimento de raiva. Podemos compará-lo com o emprego de ‘*sentar o braço nele*’, expressão usada quando uma pessoa possui a intenção de bater em alguém, por estar com raiva. Em suma, ‘*braço nervoso*’ pode fazer referência tanto a alguém que é capaz de tomar atitudes iradas, quanto a alguém que não consegue controlar o seu corpo a ponto de realizar o que deveria realizar. Nesse último caso, um exemplo pode ser o de alguém que conduz o seu carro de forma inconsequente, ultrapassando os veículos sem a devida precaução.

12. “Braço de microfone, suporte de mesa de microfone Aokeo AK-35”¹⁴

¹¹ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bra%C3%A7o/10956/> Acesso: 29/10/2022.

¹² Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bra%C3%A7o%20curto/1300/> Acesso: 29/10/2022.

¹³ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/bra%C3%A7o%20nervoso/amp/> Acesso: 29/10/2022.

¹⁴ Cf. <https://www.amazon.com.br/Bra%C3%A7o-microfone-suporte-Aokeo-AK-35/dp/B01MZ99Y67> Acesso: 29/10/2022.

O *'braço de microfone'* faz referência a uma peça articulada que segura o microfone. Trata-se de um suporte que mantém o microfone fixo à mesa ao mesmo tempo em que lhe confere mobilidade para ir em diferentes direções.

13. "Seja forte, siga em frente, respire fundo, e perceba a importância de se ter braços vazios, pra que se possa ter espaço em si para abraçar o mundo."¹⁵

BRAÇO, em *'ter braços vazios'* evoca uma representação na qual não se tem nada nos braços, *i.e.*, não se carrega nada, o que lhes possibilita fazer mais do que conseguiríamos com os braços ocupados. *'Braços vazios'* são, assim, braços em liberdade, livres para agir e realizar o que se quer.

14. "Enquanto os meus braços abertos, forem a extensão do meu coração, me permita te abraçar fortemente."¹⁶

No enunciado, BRAÇO está relacionado com afeto, carinho, amor, com tudo aquilo que se vincula aos sentimentos bons do coração; assim, *'me permita te abraçar fortemente'* seria uma forma de demonstrar esses sentimentos e a força deles por meio de um abraço forte.

15. Procurando por braço limpador do parabrisas? Confira as ofertas que a Magalu separou para você.¹⁷

No enunciado, *'braço limpador do parabrisas'* refere-se a uma peça colocada na frente do para-brisa de veículos cuja função é a de limpar os vidros e remover a sujeira, pingos de chuva, poeira, etc. Interessante notar que o *'braço limpador'* é uma peça que, se comparada à base móvel à qual se fixa e da qual é a extensão, é a que tem por objetivo realizar o trabalho por permitir alcançar diferentes áreas do parabrisa.

16. O Sistema Solar se encontra no braço de óion.¹⁸

¹⁵ Cf. https://www.pensador.com/braco_forte/ Acesso: 29/10/2022.

¹⁶ Cf. https://www.pensador.com/braco_forte/ Acesso: 29/10/2022.

¹⁷ Cf. <https://www.magazineluiza.com.br/busca/braco+limpador+do+parabrisas/> Acesso: 29/10/2022.

¹⁸ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/bra%C3%A7o%20de%20%C3%B3rion/> Acesso: 29/10/2022.

‘O braço de órion’ consiste num braço espiral pequeno da via láctea. O Sistema Solar e as estrelas, ao se encontrarem dentro do Braço de Órion, nos faz pensar num *braço* que abraça o Sistema Solar e as estrelas, estabelecendo uma localização delimitada pelas espirais que o constituem.

17. Vá cair nos braços de Morfeu, maninho!¹⁹

Neste enunciado, ‘os braços de Morfeu’ é entendido como uma expressão popular que evoca a representação de se dormir profundamente ou cair em um sono profundo. Essa representação está relacionada ao fato de Morfeu, na mitologia grega, ser uma divindade do sono e do sonho. Assim, os braços que abraçam são aqueles que nos embalam, capazes de nos fazer dormir e sonhar.

18. Sobre o acordo, já ofertamos o maior desconto possível, que aliás é maior que todo o juros existente na dívida, infelizmente não há mais desconto a ser ofertado, uma vez que o desconto oferecido já é maior que encargos e juros do saldo em aberto. Entendemos que o valor ainda não é cabível em seu orçamento, mas nesse caso não temos mais braços para oferecer um desconto maior.²⁰

A expressão ‘não temos mais braços’ refere-se, por exemplo, a uma empresa que não tem como fazer para garantir um desconto maior da dívida. De certo modo, vemos, uma vez mais, que BRAÇO evoca uma prática, um fazer com um dado objetivo, no caso, o de auxiliar a pagar uma dívida, fazer que não ter como ser realizado.

19. As constantes chuvas e a quantidade reduzida de servidores para atuar nas obras, segundo ele, compromete a agilidade dos trabalhos. “(...) Nós já estamos trabalhando com a capacidade máxima de pessoas, mas, no dia a dia das obras, percebemos que faltam braços (...)”, observa.²¹

Em ‘faltam braços’ é feita referência à mão de obra, ao trabalho capaz de ser realizado pelos braços humanos, trabalho braçal ou não. Daí exprimir o mesmo que ‘faltam pessoas’ para a realização do trabalho, o que indica existir prejuízo em relação ao que deveria ser feito, prejuízo decorrente da falta de mão de obra.

¹⁹ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/bra%C3%A7os%20de%20morfeu/> Acesso: 29/10/2022..

²⁰ Cf. https://www.reclameaqui.com.br/nubank/dificuldade-negociar-divida_UPUsIt0WDHCQmhVe/ Acesso: 29/10/2022.

²¹ Cf. <https://www.manaus.am.gov.br/noticia/prefeitura-se-prepara-para-a-contratacao-temporaria-de-600-homens-para-atuar-nos-distritos-de-obras/> Acesso: 29/10/2022.

20. Juvenal Juvêncio preferiu escantear Leco, seu braço-direito, para dar a Carlos Miguel Aidar a presidência do São Paulo.²²

Usa-se '*braço-direito*' para se referir a uma pessoa que se dedica ao trabalho de alguém com muita aplicação, sendo um grande colaborador, em suma, para se referir a uma pessoa que não é qualquer e isso por fazer um trabalho tão fundamental e importante quanto o trabalho feito pelo braço direito, braço ao qual se atribui a realização de grande parte de nossas atividades cotidianas.

A título de curiosidade, há indícios de que, na história da humanidade²³, as pessoas que usavam o lado esquerdo para realizarem as atividades foram vítimas de preconceito cultural, religioso e social. Em relação ao hemisfério norte, cuja orientação é dada pela estrela polar à noite, o sol parece se movimentar da direita para esquerda ao nascer, o que faz a mão direita ser vista como a mão do nascente, da vida, e a esquerda, a mão que tira, do poente, o que teria feito surgir um dos preconceitos que lhe são relacionados.

Nas análises apresentadas, observamos que a palavra BRAÇO não pode ser definida como um substantivo concreto e contável, tal como se vê descrito pela gramática normativa e até mesmo de outras vertentes, já que, em inúmeros usos, ela mais se assemelha a um substantivo abstrato e não contável.

Sem entrar nessa discussão, já feita em momentos anteriores do trabalho, vemos que, nos enunciados por nós estudados, BRAÇO faz referência a um determinado padrão de funcionamento, o que nos dá indício do que possa vir a ser o seu esquema invariante.

Embora não possamos, por ora, formalizar esse esquema invariante com precisão, fazemos a hipótese de que *BRAÇO* se refere a uma parte concebida como a extensão de X, que, face à impossibilidade de X de realizar ações, é o que tem por função realizá-las. Daí, BRAÇO ser sempre vinculado à atividade, ao fazer, à realização.

Por exemplo, se pensarmos nos “braços do corpo”, vemos que os braços são partes constitutivas do corpo, mas que existe uma natureza diferente entre o que pode ser feito, por exemplo, pelo tronco do corpo e por seus braços. Cabem aos

²² Cf. <https://www.meudicionario.org/bra%C3%A7o-direito> Acesso: 08/01/2023

²³ Cf. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/e-verdade-que-os-canotos-ja-foram-perseguidos/> Acesso 12/01/2023

braços realizarem um vasto conjunto de atividades que, com frequência, conduzem a alguma finalidade: servem de apoio para não cair quando nos apoiamos nele, ajudam-nos a pegar um utensílio que se encontra num lugar mais alto, a realizar diferentes práticas manuais, a nos impulsionar e nos fazer deslocar na água quando queremos nadar, etc.

Se olharmos para '*braço limpador do parabrisa*', no enunciado (15), verifica-se o mesmo. Como dissemos, trata-se de uma peça colocada na frente do para-brisa de veículos cuja função é a de limpar os vidros e remover a sujeira, pingos de chuva, poeira, etc., alcançando regiões do para-brisa que não seriam alcançadas sem a sua ajuda. Portanto, refere-se a uma peça que, se comparada à base móvel à qual se fixa e da qual é a extensão, é a que tem por objetivo realizar o trabalho por permitir alcançar diferentes áreas do parabrisa.

Para darmos mais um exemplo ilustrativo, '*braço-direito*', no enunciado (20), refere-se a uma pessoa que é, por exemplo, parte constitutiva de uma equipe e vista como a extensão de uma outra pessoa, digamos, de uma liderança. Cabe a ela realizar uma série de atividades em nome do líder, mas que não são diretamente realizadas por ele. Daí referir-se a um colaborador que não é qualquer, a um colaborador excepcional cujas atividades realizadas são feitas como se fossem feitas por outro, pelo próprio líder ou em nome dele.

Por fim, um último exemplo seria o dos enunciados (3) ou (4), em que se tem '*ficar de braços cruzados*' ou '*(não) cruzar os braços*'. Aqui, '*braços cruzados*' diz respeito à falta de atitude de alguém, a uma pessoa que, por razões diversas (insegurança, medo, falta de vontade, etc.) não faz o que deveria ser feito. Se a palavra *braços* evoca, portanto, as realizações, as execuções de uma tarefa motivados por uma aspiração, realizações que permitem alcançar um dado fim, *cruzados* aponta para a inércia, para a falta de atitude. O fim maior não tem, assim, como ser atingido. Importa notar que BRAÇO é a parte que permite à aspiração entrevista em pensamento se materializar por meio do que ele efetivamente realiza.

Considerações finais

Este trabalho tornou possível perceber que a palavra BRAÇO pode apresentar, para além de um funcionamento dito “concreto e contável” como descrito pela gramática normativa, um funcionamento “abstrato e não contável” quando integrada a outros contextos enunciativos, o que nos faz questionar de saída tais classificações.

No que se refere à sua identidade semântica, observamos indícios que apontam para um padrão na elaboração das representações encontradas, para o que viria a ser o seu papel enunciativo. Graças a ele, que nos traz pistas para, em estudos futuros, conseguir avançar hipóteses mais precisas sobre o que vem a ser a sua forma esquemática, notamos o que se encontra na base da criatividade lexical, uma vez que os sentidos oriundos dos enunciados coletados e que fazem parte do nosso contexto social têm respaldo nesse esquema invariante.

O nosso desafio encontra-se, contudo, no modo como se deve levar essa reflexão para o campo da sala de aula. Apesar das definições dadas pela gramática normativa e daquelas trazidas pelos dicionários, por meio das quais as palavras parecem ser bem explicadas e precisas, o professor não deve pensar que o que ele supõe é também o suposto pelo outro. Cabe ao professor entender que, na compreensão e produção textuais, os sentidos são constantemente reelaborados a cada produção verbal, o que explica o porquê de se existirem tantos mal entendidos.

Para Culioli (DUCARD, 2006), as habilidades ou qualidades de um professor de língua devem ser fundamentalmente saber ouvir enquanto se fala e ouvir as crianças e os adolescentes, possibilitando-lhes refletir sobre o que estão produzindo. Desta forma, é importante verificar a compreensão dos termos utilizados e, ao invés de se evitar o uso de termos que necessitem explicação, é preciso trazer à tona as dificuldades para favorecer a reflexão. Uma das qualidades dos futuros professores a esse respeito seria estar sempre pronto para fazer perguntas questionadoras a quem ensina, perguntas capazes de estimular reflexões sobre como as palavras operam nos enunciados.

Referências bibliográficas

- CAMACHO et al. "O substantivo", In. ILARI, R. Palavras de classes abertas. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-63.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 21ª impressão, 1985.
- DUCARD, D. Entre grammaire et sens: études sémiologiques et linguistiques. Paris: Ophrys, 2004.
- DE VOGÜÉ, S. Língua entre cognição e discurso. São Paulo: Calidoscópico, v. 1, nº 2, p. 214-221, 2013.
- DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J. J., PAILLARD D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação; organização de textos e de tradução, Márcia Romero, Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 3ª ed., p.331-332, 2004.
- ROMERO, M. Um possível diálogo entre a teoria das operações enunciativas e a aquisição: identidade semântica e produtividade discursiva. Alfa: São Paulo, 54 (2): 475-503, 2010.
- ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a teoria das operações enunciativas. Calidoscópico Vol. 12, n. 2, p. 239-248, mai/ago 2014.
- ROMERO, M. Teoria das Operações Enunciativas. In: Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação. Rio de Janeiro: Vozes, p. 175 - 228, 2019.
- ROMERO, M.; FUJISAKA, L. C. H. Das regularidades enunciativas do substantivo: invariância e princípios de variação semântica. In.: 8º Seminário Nacional/ 2º Seminário Internacional: Língua e Literatura. SP: UPF; 2020.
- ROMERO, M.; FRANCISCONI, L.; FUJISAKA, L. O semantismo do substantivo na perspectiva da teoria das operações enunciativas: princípio de variação no confronto nome-verbo. Porto Alegre: Conexão Letras, v. 16, n. 25, p. 191-220, jan-jun. 2021.